

Entrevista



De postemas, *impeachment* e aporias: Entrevista com Alberto Pucheu

Luíz Guilherme Barbosa
Marcos Pasche
Maurício Chamarelli Gutierrez

APRESENTAÇÃO

Alberto Pucheu é, como professor de Teoria Literária da UFRJ, poeta e, como autor de *posts* no Facebook, poeta e, como poeta, apoeta. O título do último livro que reúne ensaios seus, *apoesia contemporânea*, estampa a incessante diferença da poesia a ela mesma, que a obra de Pucheu, nos poemas, nos ensaios, nas postagens, nas aulas, grava. Se, num poema seu, se lê acerca da “lição rinocerônica” – “toda a máquina de carne acionada para a mesma direção” –, é possível, num relance pelo conjunto da obra, considerar “toda a máquina de linguagem acionada para a mesma direção” – a direção da poesia, ou da apoesia. Prefixo de negação ou artigo definido prefixado, o objeto “a” deixado antes da poesia implica que a direção da máquina de linguagem rumo à apoesia prevê muitos sentidos possíveis rumo à apoesia, e a aporia, palavra que se pronuncia na curva sonora da apoesia, se apresenta como um acontecimento dessa obra.

Muito do que se vai ler nesta entrevista com Alberto Pucheu pode se ler a bordo dessa lição rinocerônica, e ela, passando pelos temas da escrita, dos poetas estimados, dos arranjos, da ideia da prosa, da política, das postagens, do ensino, ensina sobre uma máquina de carne que, escrevendo, podemos conhecer ao pé da letra, e eis sua pele. *Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus entornos interventivos)* ou *O amante da literatura* ou *Kafka poeta* ou *mais cotidiano que o cotidiano* ou *A fronteira desguarnecida* são outros nomes para essa máquina quando ela acontece em forma de livro – em forma de entrevista também o desvio dos sentidos, o afeto permeando e a indeterminação das fronteiras produziram essas falas escritas.

Breve testemunho de uma trajetória em poesia e crítica das mais necessárias hoje, a entrevista foi oferecida em diálogo também com Marcos Pasche e Maurício Chamarelli Gutierrez, todos (entre os quais me incluo) leitores que caem na escrita quando leem as coisas de Alberto Pucheu.

Luíz Guilherme Barbosa

Luiz Guilherme Barbosa: Quem acompanha a sua obra, em poesia e ensaio – e na implicação mútua dessas duas práticas –, reconhece a atuação de uma força constante que resulta no seguinte consenso: você escreve muito. Frases longas, textos longos, publicações frequentes, e o fôlego que exigem. É de poesia que se trata?

Alberto Pucheu: Não sei se esse muito do escrever pode ser mensurado, sobretudo quando diz respeito à gente mesmo. Entre os vivos, vejo Agamben, Badiou e Žižek, por exemplo, que escrevem o que você está chamando de muito também; quando vejo o que ocorre com eles, me surpreendo muito com o muito que escrevem, mas, sobretudo, com a preservação da força no que fazem. Sim, eles escrevem muito, mas muito mais do que isso, eles escrevem o que têm para escrever, o que podem escrever, o que se pode escrever por eles que se dedicam ao escrever, que dedicam suas vidas ao escrever, a viver a escrita e a escrever o viver. E, afinal de contas, o que vale na escrita é a intensidade que nela pode ser alcançada, a respiração que ali se abre, não a quantidade. Se a intensidade se confunde com a quantidade, não está mal; se a quantidade vem sozinha, de nada adianta. É certo que a escrita, como talvez só o amor, é uma das possibilidades da vida em que mais alcançamos uma intensidade que nos surpreende e que queremos, com sua íntima estranheza, em nós. Como abandoná-la ou como abandoná-los? “É de poesia que se trata?”... Sim, se por poesia entendermos o poder escrever (em qualquer modo de escrita) e o poder não escrever, se por poesia entendermos nosso próprio modo cotidiano e mais cotidiano que o cotidiano de viver.

Luiz Guilherme Barbosa: Você tem uma relação longa e não muito evidente nos seus textos com poetas cujas obras não foram ou vinham sendo muito lidas. São os casos de Fernando Ferreira de Loanda, Leonardo Fróes e Vicente Franz Cecim. Como você pensa essas obras em relação ao que vai fazendo, já que elas compõem de relance nos seus livros?

Alberto Pucheu: Reconheço muito os poetas que me afetaram, que me afetam, independente de fazerem parte do *mainstream* da história da poesia ou não. Eles me atravessam e preciso deles, que me colocam em movimento. Conheci o trabalho dos três que você menciona nos anos 1990. *Kuala Lumpur* e *Argumentos Invisíveis* me afetaram como poucos livros lançados naquela década; *Andara* me pareceu desde então um dos mais ousados projetos poéticos que temos entre nós. Em todos eles, algo que na época não era o

privilegiado, poemas com versos longos, com fôlego maior do que o então hegemônico, com uma contenção que amplia a força do que ali se estende, com uma pegada filosófica forte, atravessados pelas potencialidades da vida. Não à toa, três solitários. Loanda, a quem ninguém menos que Octavio Paz dedicou um poema, que transitava pela América Latina e por poetas latino-americanos como se estivesse entre os mais íntimos e sendo reconhecido por eles, no Brasil, isolado em sua casa na Penha, desconhecido por ter sido o editor do que ele mesmo chama de “a geração malograda”, a geração de 45; Leonardo Fróes em sua solidão a dois entre Secretário e Petrópolis, avisando, desde lá, desde as montanhas, a cada livro, que estava vivo em poemas muito singulares de uma vida muito singular; Vicente na sua Amazônia, tendo um reconhecimento, ainda que bem tardio, mais em Portugal do que no Brasil. Os três se tornaram amigos muito queridos, por quem tenho grande amizade e admiração. Há algo nesses *outsiders* que sempre me tocou, que, ética e poeticamente, sempre quis me ensinar o que eu nem sei direito o que é, mas em todos eles, é certo, caminhos demarcadamente distintos do que então era o mais habitual, seja no concretismo, seja na poesia marginal, seja nas derivações de ambos, em suas heranças recebidas. Eu já tive por projeto escrever sobre os três, mas o projeto acabou se fazendo de outra maneira, resultando no livro *apoesia contemporânea*. No fim dos anos 90, fiz uma resenha sobre *Vertigens*, a poesia reunida do Leonardo Fróes, quando ela saiu. Mais recentemente, na ocasião do lançamento do *Trilha* (uma antologia sua saída pela Azougue), com Sergio Cohn e Gabriela Capper, fizemos o filme *Leonardo Fróes: Um Animal nas Montanhas* (<https://www.youtube.com/watch?v=5CJYNO96txA&t=56s>). Apesar de amador, gosto imenso do resultado, já que conseguimos flagrar o Leonardo ali com a intimidade que nos é costumeira e ele no meio de sua poesia e de seu lugar poético. O filme foi muito visto, citado em matéria sobre o poeta em jornal de grande circulação. Curiosamente, foi após o filme que o poeta foi escolhido o escritor do ano pelo mesmo jornal que mencionou nosso filme e esteve em seguida na FLIP. Vou fazer igualmente um filme com o Vicente Cecim, já estando atrasado para isso; era para eu ter ido a Belém filmá-lo há um ano e meio, mas tive um problema e não pude ir. É algo, entretanto, que desejo fazer com urgência. Quanto ao Loanda, que infelizmente não está mais entre nós, ainda não sei o que fazer, fora ler seus poemas em público, como faço sempre que posso.

Marcos Pasche: Ao falar num simpósio de um congresso acontecido em Belém, em 2015, você disse que a poesia é o dizer do outro. Nos seus arranjos, isso se dá de modo radical, na medida em que os textos são completamente formados por vozes ou escritas alheias à

sua. Em meio a esses ruídos e rabiscos de uma cidade aberta, qual é o dizer de Alberto Pucheu – afinal o outro daqueles que falam nos arranjos?

Alberto Pucheu: A sua pergunta me pega de maneira curiosa. A maneira mais fácil, entretanto, equivocada, de lhe responder seria dizer que o dizer do Alberto Pucheu, desse que você diz ser “outro daqueles que falam nos arranjos”, está nos poemas que não são os arranjos. Assim, estaria tudo resolvido, mas seria tornar tudo muito superficial. Tento, então, outro caminho. Eu sempre achei que não há um Fernando Pessoa ortônimo, que a assinatura Fernando Pessoa é um outro nome ou um outro apelido desse que, em seus escritos, não tem nome próprio. Essa dispersão impressionante que é chamada de Fernando Pessoa não é mais nem menos do que um dos heterônimos desse que não tem um nome apenas, senão de batismo ou cartorialmente. Quanto aos arranjos que venho fazendo, eles são mesmo um procedimento a, de alguma maneira, mostrar a alteridade que determina a poesia, que a poesia é feita de alteridades. Se a poesia é política e se a cidade (a pólis) está desde o começo e repetidamente na poesia que faço, os arranjos são as vozes dos que transitam na cidade, compondo-a, portanto, também políticos. Homero fala da Musa, Platão escreve que o poeta é fora de si, Keats, que o poeta é sem identidade, Rimbaud, que eu é um outro e que um impessoal é quem pensa e escreve em cada um de nós, Pessoa cria os heterônimos, Barthes fala na “morte do autor”, Foucault, no autor como função, Agamben, do gesto, dos sinais da ausência do autor que se foi deixando um espaço vazio no qual o leitor entra... Assim, não há um Alberto Pucheu próprio em oposição às alteridades quaisquer que compõe os arranjos. A poesia é o lugar em que eu (?) posso me assumir como alteridades, como não coincidente com o suposto comigo mesmo, como esse atravessamento de intensidades e de vozes que em algum momento querem falar sem que preexistam em mim e sem que eu saiba aonde vão me levar. Mesmo quando falo de acontecimentos do que vivo, eu escrevo o que não sei, o que não sou, sendo levado a assumir a responsabilidade impossível desse gesto que coloca em suspensão o que quer que seja que posso achar que sou. Talvez, os arranjos acabem por evidenciar o que está em jogo em todo e qualquer poema.

Luiz Guilherme Barbosa: Num de seus ensaios mais recentes, você desenvolve uma extensa análise da recepção no contexto brasileiro da “ideia da prosa”, tal como formulada por Giorgio Agamben. Ao mesmo tempo, o interesse por essa questão leva o seu leitor a reparar na maior extensão dos versos e dos poemas que você tem escrito, desde o *mais*

cotidiano que o cotidiano, de 2013. Você saberia dizer que forças reconhece tê-lo levado a pesquisar a prosificação do poema?

Alberto Pucheu: O que Agamben entende por prosa? O que, mais ainda, diferente de prosa, ele entende por “ideia da prosa”? No lugar de uma “prosificação do poema” teríamos de pensar na ideia da prosificação do poema ou numa “ideia da prosa” que denomina o diferencial do poema? Que ideia é essa da qual ele fala, já que no termo “ideia da prosa” não podemos ficar apenas com a prosa esquecendo a ideia? Por que esse passo de prosa nunca é consolidado, mas apenas esboçado? O que significa esse esboço de um passo de prosa no poema? Por que ele intitula esse breve e muito intenso texto (e livro) sobre a diferença do poema por “ideia da prosa” e não por ideia do poema? Por que ele termina esse texto com Platão e, “O Fim do Poema”, com Wittgenstein? Em todo caso, ao pensar não exatamente essa “prosificação do poema”, mas o poema (e algo mais) entendido(s) enquanto “ideia da prosa”, tenho de levar em conta passagens como, entre outras, essa, de *A linguagem e a morte*: “Por esta razão, talvez, nem a poesia nem a filosofia, nem o verso, nem a prosa possa, jamais, levar a cabo por si a própria empresa milenar. Talvez apenas uma palavra na qual a pura prosa da filosofia interviesse, a certa altura, rompendo o verso da palavra poética e na qual o verso da poesia interviesse, por sua vez, dobrando em anel a prosa da filosofia seria a verdadeira palavra humana”. Para mim, o que Agamben está pleiteando enquanto a verdadeira palavra humana como outro modo de dizer a “ideia da prosa”, é um possível desguarnecimento das fronteiras entre poesia e filosofia, e não de uma poesia “prosaica” ou ao rés do chão ou derivações afins. E tudo isso me diz respeito de dentro, já que tanto a relação entre poesia e filosofia quanto entre o verso e a prosa são fortes em meu trabalho; lembro que meus livros de poemas já realizaram versos curtos, fragmentos, blocos de prosa, misturas entre verso e prosa, versos longos etc. etc. etc. Tudo isso me interessa de muito perto.

Marcos Pasche: No prefácio a *mais cotidiano que o cotidiano*, Miguel Sanches Neto sublinha pontos de convergência entre sua poesia e o Modernismo. Considerando que esta entrevista integrará um dossiê intitulado “Poesia e revolução”, que o Modernismo foi um movimento revolucionário e o paralelo feito por Sanches Neto, pergunto se a poesia contemporânea almeja algum tipo de revolução. Se sim, qual/quais?

Alberto Pucheu: Parece-me impossível que uma poesia feita hoje não dialogue com a poesia e o pensamento modernos nem com o Modernismo. As convergências existem, de fato, sem que nem possamos saber exatamente a extensão delas. Ao mesmo tempo, parece-me haver igualmente diferenças, talvez difíceis de traçar, entre o que fazemos hoje e o feito na modernidade e no Modernismo. Pensar o contemporâneo para mim não é buscar delimitar o Modernismo (nem qualquer outra época) enquanto passado, isolando nosso tempo da história, mas me perguntar sobre vibrações distintas que hoje podem emergir, pulsações que acontecem, desconhecimentos inventivos e necessários que afloram, transformações que conseguimos de algum modo fazer e perceber. Não sei se podemos considerar os fragmentos dos primeiros românticos alemães manifestos – talvez sim; em todo caso, o primeiro manifesto com esse nome é o *Manifesto do Partido Comunista*, abrindo já o vínculo que você estabelece entre Modernismo e revolução. Havendo confluências entre nosso tempo e o Modernismo, entendo, simultaneamente, nosso momento como outro, não mais vanguardista, não mais utópico, não mais revolucionário. Vivemos um tempo aporético, tendo de permanecer nos impasses que politicamente vivemos, tentando abrir os espaços dentro das aporias, tentando dar passos, o que é tão difícil, dentro dos impasses, alargando-os. Acho que, no momento, não conseguimos saltar para fora desses impasses, não conseguimos fazer o mundo girar de fato, não conseguimos fazer a terra girar de um modo mais justo, mas podemos explorar os impasses, ampliá-los, traçar suas histórias, arqueologias, buscar buracos nos muros, buscar fraturas em que podemos algo. Tudo está muito difícil. Em um mundo cada vez mais policialesco, parece-me que a poesia se torna então, paradoxalmente, política por excelência ao garantir sua impotência, ao garantir a impotência que a torna um dos únicos espaços possíveis de questionar o poder e de se colocar como uma revolução permanente, de um não deixar uma solidificação e uma rigidez acontecerem. Mas sua pergunta foi uma pergunta que me fiz durante a última greve que houve no governo Dilma, a greve dos alunos, que foi algo novo. Votei contra a greve dos professores e, eu que me sinto um professor querido pelos alunos, fui muito atacado por alguns, que disseram que eu (e os outros que votamos contra a greve dos professores) tinha (tínhamos) traído o movimento estudantil. Foi quando, porque os professores não entraram em greve, os alunos decidiram, eles mesmos, entrar. Fiquei muito mal com o modo como estavam pensando minha decisão, claro. Parecia-me que uma greve àquela altura seria totalmente improdutiva e, como havia sido a anterior, sem qualquer benefício, minaria ainda mais o governo Dilma e daria margens à subida ao poder de uma direita que, ela sim, tiraria ainda mais – e infinitamente mais – o público, gratuito e qualitativo das

universidades, os direitos sociais, dos estudantes, dos professores, dos funcionários públicos e das pessoas mais pobres de nossa sociedade. Infelizmente, foi exatamente o que acabou acontecendo e acho estranho não ter havido nenhuma mobilização estudantil relevante quando houve o *impeachment* e Temer assumiu o poder, ou seja, os que fizeram greve contra Dilma aceitaram, ao menos, sem manifestações públicas organizadas, o *impeachment* e Temer e sua quadrilha. Durante a greve dos alunos, eu e um grupo de professores líamos poemas e textos revolucionários com alunos, fora da sala de aula, dentro da agenda da greve deles, conversávamos abertamente com eles no pátio central. Tudo aquilo foi muito intenso para mim, muito mesmo, um momento de aporia dura, que acabou resultando no poema abaixo, que uso aqui para ajudar a responder sua resposta da melhor maneira que consigo:

DA IMPOTÊNCIA

hoje, em um grau nada desprezível,
o risco dos ditos revolucionários
é o mesmo daqueles a quem eles se opõem,
de modo a se afastarem de fato deles
apenas momentânea e parcialmente:
caracterizado ou caricaturizado nas palavras
de ordem, nas armadilhas fáceis
seja das dualidades seja do princípio
da não-contradição e nos mecanismos
flexibilizados do sistema de representação
em crise, o excesso do sentido
evidencia e fabrica modos de vida
mais ásperos, enrijecidos. em um grau
nada desprezível, o risco dos poetas
é não mudarem nada, senão
a primazia do sentido
ou um modo de se colocar diante dele.
aberta à impotência de tudo o que é dado,
com a qual se confunde, aberta à impotência
de todo e qualquer sentido, com a qual
se confunde, talvez a poesia,
aniquilando a cada vez o legível
de um poema e de um sentido qualquer
para recobrá-los a ela, faça uma revolução
permanente, contínua, ininterrupta,
ainda que sem sair do lugar,
ainda que sem sair de um incerto
não-lugar, de maneira imperceptível

e sem alterar praticamente nada,
senão, de novo, a primazia do sentido
ou um modo de se colocar diante dele.
sem a aprendizagem da poesia,
é certo, não há revolução permanente,
sem os gestos revolucionários
(mesmo que sem revolução possível),
as inúmeras alterações necessárias
nas determinações da vida social
talvez não ocorram, talvez se ralentem,
mas, hoje, apesar disso e paradoxalmente,
em alguns momentos, em muitos momentos,
o poder com suas instituições se fortalecem
igualmente pelos gestos revolucionários
reprimidos com força ainda maior,
tornando-se, em várias instâncias,
ainda mais poderoso, tornando a luta
direta algo inconsequente. lembrando
que vanguardistas modernos aderiram,
contraditoriamente, tanto ao comunismo
quanto ao fascismo, que aderiram às guerras
com suas máquinas mortíferas e à religiosidade
da massificação, como ir além
no impasse de nosso tempo, o atual,
entre poesia e revolução,
entre uma impotência afirmada
e uma potência assumida
para desestabilizar o poder
desejando por vezes tomá-lo
ou ao menos curvá-lo
para exercê-lo? como ir além
no impasse de nosso tempo
em que a revolução não é mais possível
e em que a poesia – ainda – sobrevive?
como encontrar, em nosso tempo,
uma saída, uma errância a fazer
os poderes se fragilizarem?
podem os gestos revolucionários,
como a poesia, desejar sua própria impotência
assumindo-a desde o início,
a impotência da primazia do sentido
e dos modos habituais, inclusive os seus,
de se colocar diante dele?
pode haver um levante dos impotentes
que saia em linha de fuga pela tangente?
podendo, como poucas instâncias,
fazer uma crítica da revolução

que ela conhece tão de perto,
sabendo-se ela própria
não mais revolucionária no sentido
estrito e já impossível da palavra,
a poesia, desde sua impotência máxima,
incapaz de alterar qualquer coisa
senão, de novo, a primazia do sentido
ou um modo de se colocar diante dele,
coloca hoje um problema
para qualquer tipo de revolução
ou mesmo para qualquer gesto
revolucionário que almeja chegar ao poder
ou que o assume mesmo que para o curvar.
podendo, como poucas instâncias,
fazer uma crítica da poesia
que ele conhece tão de perto,
o gesto revolucionário coloca hoje
um problema para qualquer tipo de poesia
que não almeja, em hipótese alguma,
chegar ao poder para transformar
(ou não) a vida desde o poder.
já houve poemas para a revolução
francesa, já houve poemas
para a revolução democrática,
já houve poemas para a revolução
comunista, já houve poemas
a plenos pulmões para toda
e qualquer revolução,
porque se sabe que toda e qualquer revolução
começa com a poesia,
mas, agora, ficou patente que,
senão o poema, a poesia,
com sua impotência defendida,
ainda que sem sair do lugar,
de maneira imperceptível
e sem alterar praticamente nada
senão, de novo, a primazia do sentido
ou um modo de se colocar diante dele,
igualmente procede às revoluções,
sobrevivendo a elas
como uma revolução permanente,
contínua, duradoura, ininterrupta,
após cada uma das revoluções
pontuais naufragarem e após
cada um dos gestos revolucionários
que tentaram e ainda tentam hoje
pontualmente chegar ao poder.

eis o paradoxo: a poesia não busca
um poder, a poesia não busca um sentido,
nem mesmo um sentido revolucionário,
mas coloca diante da gente
a inequívoca impotência
de todo e qualquer sentido,
a inequívoca impotência de todos
e de cada um de nós, a inequívoca
impotência de todo e qualquer poder,
residindo aí o que lhe há
de incontornável, mesmo e sobretudo
para qualquer gesto
que ainda se deseja revolucionário,
e qualquer gesto que ainda se deseja
revolucionário acusa a poesia
de sua impotência assumida
ao último grau, de sua impotência
radicalmente assumida, assumida
até o limite, como a crítica
que a poesia faz, como a crítica
que a poesia constantemente tem feito,
a todo e qualquer desejo de poder.

Maurício Chamarelli Gutierrez: Como diversos outros poetas e críticos literários de nossos dias, você é bastante ativo nas redes sociais, fazendo postagens frequentes nas quais o poético, o biográfico, o teórico e o político se intercalam, se sobrepõem ou se encontram uns com os outros. Lembro uma postagem em forma de poema que, a título de provocação, se chamava “Ementa para um curso de pós-graduação” e que foi, posteriormente, usada como ementa efetiva de um curso ministrado na UFRJ; por outro lado, há um tempo você alimentava a ideia de um livro que exploraria o limiar entre a postagem e o poema. Como se dá essa participação *on-line* para você? Que relações com a “escrita *off-line*” ela guarda? E, ainda, do ponto de vista da intervenção e da fala pública, você diria que, nessas postagens, entra em jogo um ativismo da poesia e/ou da crítica? Como se dá isso?

Alberto Pucheu: Foi exatamente em comentário a uma postagem sua no Facebook, entre nós, portanto, que surgiu o termo “postema”, algo como: postagem + poema = pós-poema; ou, simplesmente, e talvez melhor, postagem, poema, pós-poema. Antes, quando o Rafael Braga fora preso, nós dois, digo, eu e você, estávamos em Florianópolis, em um dos eventos do Procad, na UFSC, organizado pela querida amiga Susana Scramim. Lembro-me

de ter lido a notícia e ido imediatamente fazer uma postagem sobre o assunto, que acabou saindo em modo de poema, ainda que com um tom que não combinava com os meus poemas habituais. Como modo de intervenção, talvez você se lembre, além de ter feito a postagem no Facebook, li o postema na abertura de minha fala no evento minutos após eu o ter postado. Desde então, vários poemas (ou postemas) nasceram no Facebook, a princípio como postagem, como postemas. Quando houve, por exemplo, a catástrofe ambiental em Mariana sob a responsabilidade da Vale do Rio Doce e da Billiton (da Samarco), postei algo, uns quatro ou cinco versos; logo em seguida, quando houve o atentado terrorista em Paris, postei algo também, se não me engano, em formato de versos; de repente peguei as duas postagens ou os dois postemas e fui acrescentando coisas, acrescentando, acrescentando. Quando eu achava que estava pronto, postava, mas descobria então que tinha mais a escrever e postava de novo. Foi assim que nasceu o longo poema que dá título ao meu novo livro, saído há pouco pela Azougue, o *Para que poetas em tempo de terrorismos?...* E foi assim que nasceram vários poemas, o que me fez achar que eu daria o subtítulo de “postemas” ao livro. Acabei, entretanto, não querendo explicitar tanto isso, já que em grande parte dos casos, na maior parte dos poemas do livro, não há tanta explicitação de uma diferença entre poema e postema – talvez seja esse o ponto mais interessante mesmo, o de o poema já ser postema, e vice-versa, sem que a diferença entre poema e postema (se é que existe) seja obrigatoriamente notada em diferença qualitativa. A partir de como você formula em sua pergunta, talvez, hoje, haja uma zona de indiferenciação, que me interessa, entre o *on-line* e o *off-line*, que já não se separam tanto no que diz respeito ao poema, talvez nem dando para saber mais o que nasceu *on-line* e o que nasceu *off-line*, talvez nem dando para determinar essas diferenças. Preciso dizer que gosto mais disso do que de caricaturas de postagens reveladas como poemas ou presentes em livros de poemas, como caricaturas que, para chamarem atenção, explicitam demasiado a postagem em contraponto com o poema. Deixo a reflexão disso a quem quiser, sabendo que tem coisas interessantes a serem ditas e pensadas em todas as direções. No meu caso, resolvi não chamar tanta atenção quanto chamaria se colocasse o termo “postagens” como título ou subtítulo – acho que assim as coisas ficam mais complexas, ainda que menos chamativas ou menos espetaculares. Tempos atrás, você também escreveu um excelente ensaio sobre o que, em minha poesia, chamo de “arranjos”. Qual a relação entre os arranjos e os postemas? Seria algo a ser pensado. Quanto ao poema-ementa era mesmo um poema, que as pessoas acharam que era uma ementa; então, se antes, a ementa virou poema, nesse semestre, o poema virou de fato uma ementa e é o curso que estou dando para o Mestrado

e para o Doutorado. No fundo, é certo que fazer postagens no Facebook pode estimular o nascimento de um poema (já não importa se o chamo de poema ou postema), tem uma liberdade de escrita que me leva a escrever o que, sem ele, eu não escreveria. E, certamente, de modo interventivo. Gosto do seu termo ativismo, artivismo, artivivismo, artevida... A resposta já se alongou demais, mas o mais certo de tudo é o caráter ético e político do que chamamos de poesia. E, com a poesia, ainda estamos aqui, ainda não findamos com ela, muito pelo contrário.

Luiz Guilherme Barbosa: Na sua atuação como professor, fica claro o dispêndio de energia corporal, provocado pela situação da aula. Eu, que fui seu aluno mais de uma vez, lembro com muito espanto o quanto você estava suado ao fim de cada aula. Como você pensa os efeitos desse atletismo para aqueles que te escutam durante os cursos?

Alberto Pucheu: Dar aula envolve muita paixão e muita dificuldade. O que fazer para o pensamento vir, sendo que pensamento aqui é algo que está implicado no corpo e na vida? Em sala, eu busco os pensamentos também com os braços que voam tentando agarrar um e outro que, querendo escapar, vão passando, eu busco ir atrás deles, em seus rastros, deixando ao menos seus ecos comparecerem. Eles não me pertencem, não vêm atrás de mim; eu é que tenho de ir atrás deles. Eles são muito mais grandiosos do que o de que sou capaz. Como fazer? Dou aula sentado e não me levanto, mas o corpo está todo ali implicado, entregue àquele momento, falando do que ele mesmo é apaixonado por. Sempre a poesia, sempre a filosofia, sempre alguma coisa que se passa entre os dois. Ou, ao menos, que eu espero que se passe, porque algo tem de acontecer em sala de aula, algo tem de passar ali – nem que seja apenas a paixão – senão não tem aula. Se um acontecimento não se der em sala de aula, a aula não acontece. Como estudar para conseguir improvisar em sala de aula? Como agir? Não sei, mas me lanço nesse não saber e termino de fato as aulas suado, cansado, meio zozzo, como se tivesse saído de uma competição de atletismo sem nenhum oponente e sem competição. O dispêndio corporal é de fato imenso. Você me pergunta sobre os efeitos desse atletismo para os que me escutam, mas, quanto a isso, quanto a esses efeitos, eu mesmo não tenho como saber, achando que você, o Maurício (que participa desta conversa) e os alunos de modo geral (os ex como vocês ou os atuais) estão em condições muito melhores do que a minha para poder dizer. Como vocês sentem os efeitos desse atletismo?

Luiz Guilherme Barbosa é escritor, doutor em Teoria Literária pela UFRJ e professor de Português e Literaturas de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II.

Marcos Pasche é crítico literário, doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ e professor de Literatura Brasileira na UFRRJ.

Maurício Chamarelli Gutierrez é doutor em Teoria Literária pela UFRJ e atualmente faz estágio de pós-doutoramento na UFJF.